

O DISCURSO DA ESTUPIDEZ E SEUS TRATAMENTOS POSSÍVEIS

Mauro Mendes Dias

O discurso da estupidez nomeia um modo de funcionamento da posição do sujeito na relação com seus semelhantes, tanto em função do elemento que ocupa o lugar da verdade, quanto do que se produz nele. Tal discurso é sustentado por uma escrita que elucida seu modo de funcionamento.

Os Discursos em Lacan, com Freud

Ao acompanharmos a tradição dos discursos, tal como indicada, aprendemos que falar de discurso não é sinônimo de falar de palavras que se ligam e se dão a conhecer por sua sonorização. No sentido corrente, falar de discurso é falar do que se ouve, daquilo que se fala. O discurso implica sempre um outro, para o qual ele se dirige.

O que a Psicanálise mostra é que o outro, causado pelo agente do discurso, participa desse circuito através de uma satisfação, nomeada como gozo, que o agente causa nele. O que é produzido é sempre um trabalho, um a mais, sinônimo de dispêndio, que lança a produção do discurso na via de uma perda e uma tentativa de reencontro daquilo que se perdeu. A verdade, colocada sob o agente, causa nele uma afetação, da qual não há como apreender o que a condiciona, porquanto inconsciente, e, por isso mesmo, impossível de ser dita por inteiro. Não há relação de passagem, como reapropriação, mas de vizinhança, entre o que se produz num discurso e o que nele comparece como verdade.

O funcionamento dos discursos escritos por Lacan, ao não se confundirem com as palavras que são pronunciadas, retoma a tradição freudiana da sobredeterminação, uma vez que, através desse conceito, Freud vai nos mostrar uma modalidade de causação dos sintomas, tanto quanto da estruturação subjetiva, que se mantém por redes associativas agindo de forma inconsciente.

As marcas que compõem o sistema de memória, enquanto localidade psíquica, são as responsáveis por sustentar uma ligação entre si como marcas que escrevem traços. Traços, esses que sustentam uma relação de diferença, um com o outro – condição que permite a introdução da cadeia significativa, encadeando a diferença de cada um.

Essa ligação não é natural e, por isso mesmo, tanto a cadeia significativa quanto o aparelho de memória freudiano só se contam com a presença do sujeito. Pode-se notar que, assim, a cadeia significativa com a inclusão do sujeito faz da determinação inconsciente e sexual condição de divisão e representação dele pelos significantes, levando a que o ser de desejo seja o elemento responsável pela separação com a Linguística.

Consequentemente, há relação entre o destaque dado por Lacan ao significativo e sua referência aos textos freudianos de onde retira o conceito. Irá se valer de Saussure para reconhecer o significativo no inconsciente freudiano, mas também transformar, com Jakobson, a metáfora e a metonímia em leis da fala.

Ao introduzir a linguagem como condição do inconsciente, o discurso passa a ser articulado pelo sujeito que fala, tanto na referência do código, quanto na referência do inconsciente. Dessa maneira, cada um mantém uma condição de impossibilidade de dar conta do que fala. Isso porque as leis da fala são inconscientes. Seja pela metáfora, seja pela metonímia, aquele que fala se encontra na dependência de um Outro a quem se dirige para receber o sentido de sua própria mensagem.

Não somente aquele que fala não tem acesso ao sentido do que diz, pelo fato de ser portado pelo inconsciente, mas também, o "que se diga, fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve"¹³². Pode-se notar que se trata de incluir um esquecimento em o que se ouve, que atualiza o que fica esquecido no que se diz.

Consideremos que essa asserção "modal" introduz novos elementos para o ser de desejo. Há a presença do esquecimento do que se ouve, daquilo que se diz, e do dizer. Por extensão, "o dizer fica esquecido por trás do dito"¹³³. Apreendemos que não se trata mais de uma passagem de um significante para outro, mas de algo que não passa, que não se apreende por ficar esquecido. Trata-se de uma mudança da referência da linguagem para alíngua, enquanto "noção próxima àquela de 'língua materna' e, como tal, algo que vem marcar o corpo a partir de uma coalescência do sexual com a linguagem"¹³⁴.

Nesse sentido, declina-se da afirmação "falar como sinônimo de falar a outros"¹³⁵, para "integrar e conservar os equívocos da hystória do sujeito"¹³⁶. Tal conexão "entre o lugar do sujeito e o lugar do outro, implica em incluir o lugar do Outro em forma de a"¹³⁷, ou seja, incluir a presença do sujeito com a causa do desejo, e não somente na referência de outro significante.

Considerando a experiência analítica, ela haverá de ser contada entre dois lugares, o do sujeito e o do psicanalista, enquanto aquele que, a partir da causa do desejo, agencia outros significantes para o sujeito, sob a forma de a. A relação entre lugares, e não entre sujeitos, tanto quanto o agenciamento do significante a partir da causa do

132 LACAN, Jacques. O aturdito [1973]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448.

133 Id., *ibid.*, p.450.

134 SOUZA, Aurélio. *Os discursos na Psicanálise*. Salvador: Companhia de Freud, 2004. p.96.

135 LACAN J. *O Seminário: Livro 3: as psicoses* [1955-56]. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.48.

136 SOUZA, A. *Os discursos na Psicanálise*, op. cit., p.96.

137 SOUZA, A. *Os discursos na Psicanálise*, op. cit., p.97.

desejo para um sujeito, é o que o discurso – como discurso analítico – vai introduzir como laço social. Assim, a noção de discurso, pela referência do discurso analítico, é o que vai promover mudança de lugar do sujeito, como sinônima de mudança de discurso.

Considerando o que foi apresentado, falar de discurso não se reduz mais a falar para um outro e, sim, de ter de se haver com mudança de lugares que se produzem com os significantes para um sujeito, a partir do tipo de relação com o objeto causa de desejo. Distanciamos-nos da concepção de falar pelo significante que retorna pelo Outro, e passamos para a referência de produção de significantes pela causa do desejo, estabelecendo nossa relação com a verdade como presença que vem marcar aquele que fala pelo meio dizer, enquanto portado pelo inconsciente como real. Somente dessa forma se pode apreender o sentido da frase que abre o *Seminário 16*, onde Lacan enuncia: "A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala"¹³⁸.

Ainda que a elaboração sobre o sentido de discurso seja preparada nos seminários anteriores ao *Seminário 17*, onde ele passará à condição de escrita que o formaliza, Lacan já se deparava com sua indicação desde o texto que, em sua obra, cumpre a mesma função que a interpretação dos sonhos na de Freud, qual seja, "Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise". Desde aqui, encontramos a concepção de discurso ligada ao inconsciente, tanto quanto sinônimo ao que falta na continuidade do discurso consciente. Diz ele: "O inconsciente é a parte do discurso concreto como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente"¹³⁹.

Tal é a determinação desse momento de elaboração que Lacan vai se referir a esse texto nos *Seminários 19* e *20*. No *Seminário 19*, diz: "Função e campo da fala e da linguagem, foi assim que introduzi o

138 LACAN, J. *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro* [1968-69]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 11.

139 LACAN, J. *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise* [1953]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 260.

que deveria trazer-nos até o ponto atual de um novo discurso"¹⁴⁰. E, no *Seminário 20*¹⁴¹, diz:

[...] o discurso analítico é esse modo novo de relação, fundado apenas pelo que funciona como fala, e isto, em algo que podemos definir como um campo. Função e campo, eu escrevi, da fala e da linguagem, e terminei, em psicanálise, o que era designar o que constitui a originalidade desse discurso que não é homogêneo a um certo número de outros que oficiam e que, só por esse fato, distinguimos como discursos oficiais.

Ao retomar a presença da noção de discurso, tal como referida ao texto dos *Escritos*, reconhecemos que, desde o início, o discurso não se confunde com uma ordem de palavras que se encadeiam, mas pelo que falta nelas como continuidade. Consequentemente, os impasses vividos pelo sujeito, na relação com o objeto do desejo na fantasia e os significantes, vão atualizar o tipo de elaboração que foi realizada na referência dos impasses com o desejo da mãe, pela presença subjetivante do nome do pai, escrita na fórmula da metáfora paterna¹⁴². Os impasses na relação com o outro, enquanto sujeito, causando a relação entre os significantes pela causa do desejo, é uma formulação que vai promover a necessidade de passar de uma articulação ternária, S1, sujeito e S2, para uma quaternária, que é aquela que se escreve pelo funcionamento dos discursos, deslocando a centralidade do inconsciente estruturado como uma linguagem, para posições que se articulam e se sustentam nos lugares e passagens dos discursos.

Desde agora, devemos contar com uma conceituação do inconsciente que não se apoia na estruturação pela linguagem, ainda que se mantenha verdadeira. Isso porque a noção de quaternário não vai

140 LACAN, J. O *Seminário*, Livro 19: *...ou pior* [1971-72]. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 66.

141 LACAN, J. O *Seminário*, Livro 20: *mais, ainda* [1972-73]. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.40.

142 LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose [1957-1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

se referir ao significante S_1 , com S_2 , mas de S_1 com a , enquanto causa do desejo. Tal passagem é o efeito de uma concepção que se sustenta numa relação entre termos, não somente diferentes cada um com o outro, mas que promovem giros quando entram em relação. Promover giro é o que se realiza pela entrada em cena do discurso analítico, porque é através da experiência de uma análise que se modifica a relação da causa de desejo com os significantes que constituem um sujeito.

OS QUATRO DISCURSOS			
Discurso do Mestre		Discurso do Universitário	
$\frac{S_1}{\S} \rightarrow \frac{S_2}{a}$	$\S // a$	$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\S}$	$S_1 // \S$
Discurso da Histérica		Discurso do Analista	
$\frac{\S}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$	$a // S_2$	$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\S}{S_1}$	$S_2 // S_1$
S_1 = significante mestre $\S$ = Sujeito dividido S_2 = Saber a = pequeno a, o mais-de-gozar			

FONTE: Lacan ([1969-70]1992)

Notemos que os discursos escrevem posições relativas ao agente, ao gozo (outro), à verdade, e ao mais gozar (produção). Lacan não está mais falando de uma dinâmica subjetiva, mas de um modo de existência suscetível de sustentar quatro posições, a partir de quatro termos que a constituem. E que são escritíveis sob a forma de letras, e não conjunto de traços, como em Freud. Elas escrevem quatro posições possíveis, modificadas por passagens entre os discursos.

Consideremos que a estrutura ternária na qual se contava a histeria e a obsessão, como neuroses, agora se modifica. Em um e em outro caso, agora se contam pelos discursos que mantêm com eles relações de constituição, pela sucessão e precedência, ou seja, pelas implicações, suscetíveis de serem consentidas por cada um dos falantes. Os termos não se referem mais ao sujeito e ao Outro, mas aos

quatro que participam de sua constituição, enquanto quatro termos que contam do sujeito, implicados com, e por ele.

Discurso do Capitalista, da Ciência e da Religião

Deve-se ter em vista que não existem somente os quatro discursos formalizados por Lacan. Além de ter escrito um quinto discurso, o do capitalista, existem outros, os quais ele nomeia como "discursos oficiais", que são aqueles que vigoram na produção de sentido e gozo na relação entre os semelhantes, determinando outras modalidades de relação com a verdade e a divisão do sujeito. Tais são os casos dos discursos da ciência e da religião. O primeiro foraclui o sujeito e o segundo o recobre com sentido, daí a íntima dependência entre os dois.

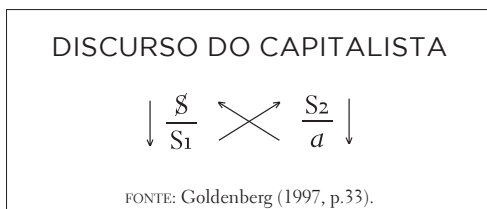
A efetividade do discurso da ciência para a histeria se refere à renovação de uma promessa que ele introduz, de forma a que ela se devote a buscar a solução de seus impasses, sem implicá-la com o desejo sexual inconsciente – promovendo, portanto, insatisfação e impotência. Tal operação só é possível porque a ciência se sustenta e se transmite, em nossas sociedades, como um dos nomes do pai, ou seja, capaz de portar promessas de solução, promovendo transferência.

Se o discurso da ciência pode ocupar esse lugar e função, é porque ele é transmitido pela propaganda e marketing, e não pelo fato de existirem laboratórios de pesquisa. No caso das medicações, elas são transformadas em mercadorias, devido à presença do capital para a produção, por isso mesmo, não há condições de articular o discurso da ciência sem sua ligação com o discurso do capitalista.

Começamos considerando que Lacan falou em discurso do capitalista, e não em capitalismo. Condiciona partir do princípio de que, nas sociedades de mercado capitalista, há uma implicação dos sujeitos num determinado tipo de laço com o agente desse discurso, o capitalista, que não deve ser subsumido a uma pessoa, que é o que vai imprimir uma relação com a verdade, comandando-a. Parte-se aqui de uma rasura, de uma retirada de cena do inconsciente, a partir do qual a verdade é referida na Psicanálise. Essa posição com a verdade

condiciona que o capitalista faça agir os seus próprios interesses como verdade, uma vez que detém o capital, os meios de produção e uma ingerência sobre as leis do mercado.

No discurso do capitalista, portanto, encontramos escrita uma primeira inversão da função da causação, uma vez que é o sujeito que comanda o significante. Por isso mesmo, vai agenciar o outro, como proletário, desde esse gozo que ele detém por ser o autor da inversão. E é assim que ele faz para que o outro, no caso, o proletário, seja afetado para produzir mais gozar, ou seja, mais-valia – mais-valia esta que vai retroalimentar o capitalista colocado na função de agente e renovar incessantemente o ciclo. A renovação incessante como mais gozar é o que coloca no centro do funcionamento do discurso do capitalista não somente uma sujeição às leis do mercado; ainda, trata-se de admitir que tal sujeição seja responsável por uma satisfação que é dispêndio, perda e tentativa de reencontro de um gozo que se faz cada vez mais fugidio.



O discurso do capitalista não introduz uma servidão voluntária às leis do mercado, mas uma condição sem saída. Não foi por acaso que, tanto no cinema, com Charles Chaplin, quanto na literatura, com os robôs, os seres humanos foram identificados ao funcionamento das máquinas. Nessa mesma direção, Lacan pôde afirmar que esse discurso deixa de lado "o que chamamos as coisas do amor"¹⁴³.

Significa afirmar que há uma devoção incondicional à produção de objetos, nomeados como mercadorias, de maneira a renovar o ciclo de sacrifício com assujeitamento, seja pela dívida, seja pela

143 LACAN, J. *O saber do psicanalista* [1971-72]: 2a. parte. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997. p.49. Publicação não comercial.

promessa dos diferentes fetiches que capturam os sujeitos para o consumo e a produção. Pelo olhar, e pela voz. Com o brilho que suscita e esconde o objeto de satisfação, pelo olhar, tanto quanto pelas vozes que comandam os ideais de consumo pelos imperativos de sedução. A efetividade de tal discurso se mantém presente em sociedades como a nossa, onde coabitam, numa convivência plenamente firmada, o mercado e a democracia. Ficamos advertidos de que, ao articularmos o discurso da ciência e do capitalista, não prosseguimos necessariamente numa direção exitosa; ao contrário, trata-se, como afirmado anteriormente, de implicar o que se nomeia como política a partir dessa conjunção.

O Discurso da Estupidez

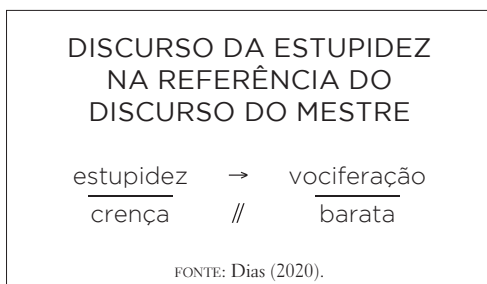
Ao articular uma escrita e um modo de funcionamento para o que nomeio como discurso da estupidez¹⁴⁴, procuro ressaltar a vigência de uma presença em nosso laço social, de um tipo de instrumentalização que retira de cena a voz dos sujeitos. Em face do esvaziamento das subjetividades que esse discurso promove, nomeei como vociferações o que é agenciado por ele no manejo com a língua, enquanto presença repetitiva de *slogans* e palavras vazias, movidas por imperativos que impedem a dialetização, própria à sustentação das leis da fala.

Sublinhei, escrevendo-a no lugar da verdade, a crença no discurso da estupidez, quando referida ao discurso do mestre e do capitalista, com um duplo objetivo. O primeiro, pelo discurso do mestre, por permitir considerar um agenciamento através do que nomeei como estúpido, tendo a crença como verdade. O segundo, pelo discurso do capitalista, revela a dominância da crença quando condiciona a relação com os significantes e o outro.

Por que iniciar pelo discurso do mestre a escrita do discurso da estupidez? Porque é através dele que podemos indicar, desde os quatro discursos, tanto a determinação pelos significantes,

144 DIAS, Mauro Mendes. *O discurso da estupidez*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

quanto pela fantasia onde seus termos se mantêm presentes em seu denominador.



Pelo que foi exposto, o discurso do mestre alinha, no lugar do agente, uma relação do sujeito com o significante, onde a verdade se mantém recalcada, inconsciente, para aquele que agencia. Do lado do outro se escreve a relação entre os significantes mestres e a causa do desejo. Qual a importância disso, que não seja de mostrar que qualquer tipo de escrita de discurso não pode não passar pelo crivo da escrita do discurso fundador do inconsciente?

A utilização do significante estúpido foi realizada por outros autores de campos diferentes da Psicanálise, em especial Carlo Cipolla¹⁴⁵ e Robert Musil¹⁴⁶, para mostrar a condição de determinação que sua presença realiza nos laços sociais, embrutecendo os sujeitos, tornando-os "perigosos". Não escapou a Sigmund Freud, mesmo sem tê-la investigado, advertir para a força dessa presença. Recolhemos em sua autoria uma frase que é explícita quanto aos danos que pode causar. Diz ele: "Nada na vida é tão caro quanto a doença – e a estupidez"¹⁴⁷.

Além de prosseguir no esclarecimento apresentado acima, identificando a estupidez tanto pela redução ao extremo da polissemia da língua, como numa evitação obstinada de perda, reafirmo que a estupidez precisa contar com um solo adubado para que possa surgir

145 CIPOLLA, Carlo. *As leis fundamentais da estupidez humana*. Espanha: E.d. Rinoceronte, 2009.

146 MUSIL, Robert. *Sobre a estupidez*. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.

147 FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento [1913]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.XII, p.148.

numa condição de dominância. Não me deterei aqui sobre os pontos articulados no livro, responsáveis por sua disseminação em diferentes países na atualidade, mas indicarei, com Lacan, sua condição de habitação e cativação em cada um de nós. No *Seminário* 19, afirma: "A estupidez serve de prova quanto à autenticidade. O que predomina é a autenticidade da estupidez"¹⁴⁸.

Pelas citações anteriores, podemos constatar que a força de adesão para a estupidez é íntima e passível de instrumentalização no laço social, ao mesmo tempo. Por isso mesmo, afirmei que ela não é subsumível à falta de condições econômicas, e de conhecimento. Não é de direita e nem de esquerda, mas se encontra disponível para entrar em ação, sempre que suscitada segundo condições que a permitam proliferar, fazer laço e conquistar credibilidade, à base da força e da farsa.

A entrada em cena do estúpido no lugar de agente do discurso condiciona que o lugar da verdade não seja mais referido ao inconsciente, mas à crença. Esta última nos leva a considerar sua tradição pelas seitas, das quais retira sua potência. Isso porque a crença, nessa referência, introduz uma recusa da realidade – entendendo que a realidade não se confunde com a apreensão da experiência empírica do mundo à nossa volta. Mais do que isso, a Psicanálise nos ensina que a realidade mantém estreita relação com a complexidade da sexualidade em nossa estruturação.

O que se recolhe dos sujeitos que consentem ao agente do discurso da estupidez são as vociferações, ou seja, a voz da fera, enquanto expressão das limitações das leis da fala e da complexidade sexual. Mas não somente, porque, de acordo com essa elaboração, o ódio irá cumprir um papel decisivo, uma vez que será o afeto responsável pela produção, não mais de humanidade, mas de baratas. Isso porque se trata de destruir, denegrir, achincalhar o que se mantinha até então como humanidade e ética das relações.

Para entender o porquê de a barata ter sido colocada no lugar da produção no discurso da estupidez, é preciso acompanhar a

148 LACAN, J. O *Seminário*, Livro 19..., op. cit., p.28.

contribuição do livro de McEwan, *A barata* (2019) pelo avanço que realiza em relação ao clássico de Franz Kafka, *A Metamorfose*. Nele, diferentemente de *A Metamorfose*, onde o personagem é morto, Jim Sans, que ocupa o cargo de primeiro-ministro, acorda pela manhã tendo sofrido uma metamorfose em barata. O surpreendente, contados o autor, é que ao chegar ao Parlamento na hora do trabalho, ninguém estranhe sua transformação num ser abjeto, até porque ele mantinha as mesmas condições de antes, inclusive as da fala. "Apesar de tudo, em essência ele continuava a ser o que era antes"¹⁴⁹.

É necessário reconhecer que a literatura de ficção colabora com a aproximação da verdade, qual seja, o consentimento para o que se produz desde o lugar do estúpido seja aceito sem objeções, realimentando sua presença e sustentação. O estúpido visa à produção da barata como forma de fazer valer um tipo de trabalho em que a barata se empenha na produção das condições para manter seu lugar e função, garantindo a ela sobrevivência

Fazemos muitas vezes referência a um quinto discurso, mas pouco nos perguntamos sobre os motivos que o distingue dos outros, e as consequências disso. Lembremos que os quatro discursos mantêm entre si condições de passagem, entre um e outro, e o que causa essa passagem é o discurso analítico.

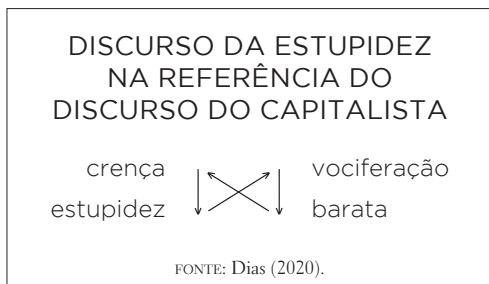
Em se tratando do discurso do capitalista, não há condições de passagem, ou seja, não se sai dele, e, conseqüentemente, a subjetividade e os laços funcionam de outra maneira, diferente daquela que vigora nos quatro discursos. A barreira entre o agente e a verdade, tanto quanto entre o outro e a produção não se mantém mais escritível, por isso mesmo se diz que nele vigora a foraclusão da barra.

Se no discurso do capitalista há um agenciamento da verdade pelos significantes, sem a presença do inconsciente referido a ela, o sujeito que comanda essa operação visa aos seus próprios interesses, ou seja, determina sua relação com o outro sob a condição de um gozo imperativo, a partir do qual ele faz o outro trabalhar, produzindo mais-valia para ele, capitalista. E mais, faz o proletário que, pela

149 McEWAN, Ian. *A barata*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p 17

tradição significa aquele que recebe salário insuficiente, se devotar a essa economia pela sedução das promessas de gozo com objetos que nunca encontra, o que não o impede de renovar sua busca.

Quando escrevi o discurso da estupidez no funcionamento do discurso do capitalista, tinha como objetivo mostrar as consequências desse tipo de montagem numa sociedade como a nossa, incluindo o mais gozar como sinônimo de devoção aos significantes agenciados pela crença, no outro, ou seja, no proletário. Cabe perguntar: O que é a crença? Qual a função que ela cumpre no lugar do agente do discurso da estupidez na relação com os outros termos – estúpido, vociferação e barata, tendo o discurso do capitalista como referência de sua efetividade?



É importante considerar que, para a Psicanálise, a crença não se liga direta e necessariamente com o fenômeno da devoção religiosa. Ainda que vá encontrar ressonâncias no texto freudiano, a partir do desamparo, comum a todos, o fundamento da crença é constitutivo da suposição de completude do Outro, que Freud nomeou como a não castração materna.

Ainda que a distinção com as seitas não integre aqui o campo de discussão dos grandes movimentos religiosos, deve-se ter em mente que, dada sua proliferação através das para-igrejas, particularmente no Brasil, introduz-se a necessidade de reconhecer sua independência das religiões. Nesse tipo de referência, "a religião não é mais reforma do ser, mas seu esfacelamento"¹⁵⁰.

150 BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 22

O ódio, antes evitado, agora é suscitado, seja na direção do demônio como representante de um Outro caminho que desvia o fiel de seu assujeitamento, seja na direção de outras religiões que possam encantar pelo cultivo do espírito de uma forma mais sensível. Se o que segue indicado como crença agenciando o discurso da estupidez na escrita do discurso do capitalista tem consequência, é mesmo porque ela pode ser apreendida praticamente como *fake news*. Esta última é responsável por uma política tão mais estúpida, quanto mais seus efeitos se recolhem numa dupla incidência: comando da verdade segundo os próprios interesses e embrutecimento do outro pela rasura da complexidade da realidade em que ele participa.

Tal embrutecimento como sinônimo de vociferação foi retirado das diferentes transformações que vão acontecendo durante a peça teatral de Ionesco, *O rinoceronte*. Nela acompanhamos a cativação que a perda da humanidade suscita, mas também as diferentes notícias inteiramente falsas que vão sendo transmitidas quanto ao benefício de consentir na substituição da fala pelo zurro animal. Essa aceitação incondicional, com uma única exceção na peça, é da mesma ordem do que pode ser recolhido na produção do discurso como produção de baratas. Por quê? Porque é através de um circuito que se inicia no agente, adulterando a condição da verdade ao comandá-la, que no lugar e função dela, verdade, iremos encontrar os meios para a proliferação dos objetivos da crença, ou seja, na recusa da realidade em suas diferentes complexidades.

Deve-se considerar que o discurso da estupidez conta, como afirmado, com um terreno fértil para sua proliferação. No entanto, seu exercício revela, também, a potência que é capaz de mobilizar num contingente que inclui milhões de pessoas mundo afora.

Que paixão é essa? Trata-se do ódio como paixão. O "gozódio", tal como Lacan o nomeia. Se no discurso do capitalista o ódio se mantém presente através da eliminação da humanidade, como condição à produção e renovação incessante até a morte, no discurso da estupidez que nele se sobrepõe, o ódio é mantido na adulteração da verdade segundo os próprios interesses, tanto quanto na operação de morte do sujeito, transformando-o num ser abjeto sem voz.

Não foi por acaso que, num outro tipo de abordagem, Walter Benjamin¹⁵¹ tenha afirmado:

No Ocidente, o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo – o que precisa ser demonstrado não só com base no calvinismo, mas também com base em todas as demais tendências cristãs ortodoxas – de tal forma que, no final das contas, sua história é essencialmente a história de seu parasita, ou seja, do capitalismo.

Uma pergunta se impõe: há alternativa para o que foi apresentado? A resposta é sim. Para tanto, algumas condições precisam ser articuladas, indicando que se trata de alternativas, de tratamentos, abordagens, e não de uma solução, sustentada por uma única pessoa. Os discursos introduzem o se contar pelo número quatro.

Os Tratamentos Possíveis do Discurso da Estupidez

Destaco, desde o título desta última parte do texto, que alinhar a noção de tratamento ligada ao discurso da estupidez implica necessariamente perguntar-se pelas alternativas de giro para ele, ou seja, pelas condições de passagem, pelas mudanças de posição subjetiva que incluam a causa do desejo e os significantes, de modo que os diferentes assujeitamentos não se mantenham. *Note-se*, de forma a que não se mantenham sempre da mesma maneira.

A economia de funcionamento subjetivo que o discurso da estupidez promove, lendo-o, desde o discurso do mestre, refere-se à possibilidade de reconhecer a existência da estupidez, pelo que ela causa no outro, como vociferação, retirando de cena a voz dele. Dessa forma, o outro irá se empenhar na produção de baratas, que são o outro nome daquilo que é causado pelo estúpido. Há um consentimento a esse discurso. Ele se alicerça pela condição de manter a crença como verdade, causando o estúpido. E assim acontece porque é através da

151 BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*, op. cit., p.23.

verdade como crença, como sectarismo, que o afeto mobilizado é o do ódio dirigido ao outro.

Uma primeira aceção de tratamento se anuncia através dos fundamentos pelos quais se situa um acontecimento, porque será mediante estes que os tratamentos poderão ser articulados. O acontecimento, no caso, o discurso da estupidez, escrito como responsável por montagens subjetivas, condiciona que o seu tratamento, como alternativa, se escreva pela causação do discurso analítico. Isso significa que deve ser articulado considerando um duplo giro. O primeiro, promovendo o retorno da verdade agenciando o discurso, como verdade da divisão subjetiva. Tal é o que se recolhe na experiência de uma análise. O segundo giro tem a ver com a verdade poder ser escrita com a presença do significante mestre, ou seja, pelo enxame de significantes que marcam seu corpogozo, que o fundam como corpo. É também o que se recolhe na experiência de uma análise, quando a divisão do sujeito leva a produção de outros significantes, mudando sua relação com o gozo.

Sustentar essa aceção de tratamento tem a ver com poder reconhecer a presença necessária da reinvenção. Não mais como sinônimo de extraordinário, mas de recolocação, reescrita dos termos que organizam as posições do sujeito, segundo os discursos pelos quais se mantêm. Por isso mesmo não se trata de diálogo e nem de interpretação do sentido, como sinônimos de tratamento do discurso da estupidez, e, sim, de reinvenção.

No que concerne à escrita do discurso da estupidez na vigência do discurso do capitalista, podemos constatar que a crença passa a ocupar o lugar de agente desse discurso. Isso vai determinar que o estúpido seja apreendido como a verdade da crença, suscitando que o outro seja agenciado por ele como ser vociferante, para produzir baratas que alimentam as crenças.

A vigência do discurso da estupidez no laço social leva a considerar sua presença no que, limitadamente, nomeamos como tipos clínicos. Essa presença estabelece uma ligação sólida, como força-gem, entre a surdez e a cegueira, por via de um curto-circuito, como não separação, entre a pulsão escópica e a invocante. A partir de

então, "o pior cego é aquele que não quer escutar"¹⁵². É quando o ódio como paixão é mantido pela paixão da ignorância. Marco de advento do estúpido.

Mauro Mendes Dias é psicanalista, diretor do Instituto Vox de Pesquisas em Psicanálise. Autor de artigos e livros em psicanálise, sendo o último deles *O discurso da estupidez*, pela Editora Iluminuras (2020). ✉ mauro.m.dias@uol.com.br

Referências

- BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CIPOLLA, Carlo Maria. *As leis fundamentais da estupidez humana*. Espanha: Ed. Rinoceronte, 2009.
- DIAS, Mauro Mendes. *O discurso da estupidez*. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- DIAS, Mauro Mendes. *O pior cego é aquele que não quer escutar*. São Paulo: Autêntica: Cult (no prelo).
- FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento [1913]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.XII: Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I.
- GOLDENBERG, Ricardo. Consumidores consumidos (Prefácio). In: _____. (Org.). *Goza! Capitalismo, Globalização. Psicanálise*. Salvador: Ágalma, 1997, p.9-22.
- LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.238-324.
- LACAN Jacques. *O Seminário, Livro 3: as psicoses* [1955-1956]. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose [1957-1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.537-590.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.869-892.

152 DIAS, Mauro M.. *O pior cego é aquele que não quer escutar*. São Paulo: Autêntica: Cult (no prelo).

- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro* [1968-1969]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques. Radiofonia [1970]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.400-447.
- LACAN, Jacques. *O saber do psicanalista* [1971-1972]: 2ª. parte. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997. Publicação não comercial.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 19: ...ou pior* [1971-1972] Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. O aturdido [1973]. In: _____. *Outros escritos*. Trad.Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.448-497.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: os não tolos vagueiam* [1973-1974]. Salvador: Espaço Moebius, 2016.
- LACAN, Jacques. *Palabras sobre la histeria: Intervención en Bruselas* [26/02/77]. Buenos Aires: Escola Freudiana de Buenos Aires [Publicada ao final do Seminário 24].
- McEWAN, Ian. *A barata*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUSIL, Robert. *Sobre a estupidez*. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.
- SOUZA, Aurélio. *Os discursos na Psicanálise*. Salvador: Companhia de Freud, 2004.